



KRESLEY COLE

Nº 1 DA LISTA DE BEST-SELLERS DO *NEW YORK TIMES*

PAZERES SOMBRIOS

SÉRIE IMORTAIS LIVRO 2

valentina 

PRAZERES
SOMBRIOS

SÉRIE IMORTAIS

VOLUME 2

Tradução
Renato Motta



KRESLEY COLE

Nº 1 DA LISTA DE BEST-SELLERS DO *NEW YORK TIMES*

PRAZERES SOMBRIOS


valentina
Rio de Janeiro, 2018
1ª Edição

Copyright © 2006 by Kresley Cole
Publicado mediante contrato com Pocket Books, um selo do grupo Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
No Rest For The Wicked

CAPA
Beatriz Cyrillo sob original de Damon Freeman

FOTO DE CAPA
Sebastian Cross

FOTO DE 4ª CAPA
Givaga/StockPhoto

FOTO DA AUTORA
Deanna Meredith Studios

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C655p

Cole, Kresley

Prazeres sombrios / Kresley Cole; tradução Renato Motta. – 1. ed. – Rio de Janeiro:Valentina, 2018.
352p. ; 23 cm. – (Imortais; 2)

Tradução de: No rest for the wicked
Sequência de: Desejo insaciável

ISBN 978-85-5889-054-0

1. Romance americano. 2. Ficção americana. I. Motta, Renato. II. Título. III. Série.

17-45103

CDD: 813
CDU: 821.111 (73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

*Para Bretaigne E. Black, colega de faculdade,
especialista em chuva de arroz, organizadora de “vinhos e
autógrafos” em lançamentos, e queridíssima amiga.*

Não sei o que seria de mim sem os meus Bebês.

Agradecimentos

Meus mais profundos agradecimentos a três damas fantásticas que também são escritoras muito talentosas: Gena Showalter, por todo o seu apoio incrível;

Caro Carson, por estar sempre ao meu lado na hora do sufoco;

Barbara Ankrum, por suas observações do tipo “olho de águia”, suas críticas e incentivo. E obrigada, Richard, meu marido maravilhoso, por pesquisar o minuto exato de cada alvorecer e de cada pôr do sol em todo o globo terrestre, e também por verificar os dados de viagens e logísticas de transportes que aparecem neste livro.

PRÓLOGO

Mansão Blachmount, Estônia – setembro de 1709

Dois dos meus irmãos estão mortos, pensa Sebastian Wroth, encarando o teto enquanto está caído, lutando para não se contorcer de dor. Ou semimortos.

Tudo o que ele sabe é que ambos retornaram do campo de batalha com um jeito... estranho.

Todo soldado voltava profundamente modificado pelos horrores da guerra – ele mesmo passara por isso –, mas os irmãos de Sebastian estavam *alterados*.

Nikolai, o primogênito, e Murdoch, o segundo mais velho, tinham finalmente voltado para casa, vindos da fronteira da Rússia com a Estônia. E embora Sebastian mal conseguisse acreditar, eles haviam escapado com vida da guerra que continuava a destruir de forma impiedosa os dois países.

Uma tempestade violenta explodira no oceano e fustigara o litoral do Mar Báltico. Apesar do clima hostil, os dois homens conseguiram entrar com ar determinado na Mansão Blachmount. Ainda usavam seus chapéus molhados e os casacões ensopados.

A porta continuava aberta atrás deles. Ambos estavam ali, em pé, imóveis e atordoados.

Diante deles, espalhada pelo salão, via-se a carnificina do que antes fora a sua família. As quatro irmãs e o pai estavam morrendo, acometidos pela peste. Sebastian também jazia ali, e Conrad, o mais novo, encontrava-se esfaqueado e extremamente pálido. Sebastian continuava consciente. Felizmente, os outros já haviam desmaiado. Até Conrad estava inconsciente, embora ainda gemesse baixinho de dor.

Nikolai enviara Sebastian e Conrad de volta para casa, poucas semanas antes, a fim de protegê-los. Agora, todos estavam morrendo.

A residência ancestral dos Wroth em Blachmount se mostrara tentadora demais para os bandos de saqueadores formados por soldados russos. Na noite

anterior, eles tinham invadido a casa à procura dos supostamente ricos e de suas abastadas despensas. Enquanto defendiam Blachmount contra dezenas deles, Sebastian e Conrad acabaram sendo espancados e, em seguida, esfaqueados no abdômen – mas não morreram. O restante da família não fora ferida pelos bárbaros. Sebastian e Conrad tinham resistido o suficiente para manter os soldados longe dali, até os invasores perceberem que a casa abrigava doentes acometidos pela peste.

Os soldados fugiram, apavorados, largando suas espadas onde as tinham espetado...

Quando Nikolai se debruçou sobre o corpo de Sebastian, a água que correu do seu casaco se misturou com o sangue do irmão, congelando lentamente no chão. Nikolai lançou um olhar tão duro que, por um momento, Sebastian achou que o irmão estava decepcionado com ele e com Conrad pelo fracasso de ambos – tão decepcionado quanto ele próprio.

Mas Nikolai não sabia sequer a metade da história.

Sebastian conhecia muito bem o irmão e percebeu que Nikolai assumiria aquele fardo, como fizera em todas as outras vezes. Sebastian sempre fora o amigo mais íntimo do irmão mais velho, e quase ouviu os pensamentos dele como se fossem seus: *Como eu conseguiria defender o meu país se não fui sequer capaz de salvar as pessoas do meu próprio sangue?*

Infelizmente, o destino da Estônia não tinha sido muito melhor que o da família. Os soldados russos haviam saqueado as colheitas na primavera, para em seguida salgar e queimar a terra. Nunca mais nenhum grão pôde ser cultivado naquele solo, e quem morava nas áreas rurais passara fome. Fracos e esqueléticos, os sobreviventes sucumbiram quando eclodiu a epidemia de peste.

Depois de se recobrem do choque, Nikolai e Murdoch recuaram, atemorizados, e trocaram olhares. Apontando para as irmãs e o pai, pareciam debater algo.

O que quer que fosse, eles se referiam a Conrad, inconsciente no chão, e também não olhavam para Sebastian. Será que o destino dos irmãos mais novos já fora decidido?

Mesmo em seu estado de delírio, Sebastian percebeu que, de um modo que não compreendia, os dois tinham mudado muito – haviam se transformado em algo que sua mente febril não conseguia captar. Os dentes estavam diferentes: os caninos pareciam muito mais compridos, e os irmãos os arreganhavam com fúria e horror.

Os olhos estavam totalmente negros, e mesmo assim *cintilavam* no aposento envolto pelas sombras.

Quando menino, Sebastian tinha ouvido histórias terríveis contadas pelo avô; lendas que falavam de demônios com presas longas, que viviam nos pântanos perto dali.

Vampiir.

Eles podiam desaparecer em pleno ar e reaparecer onde bem entendessem; viajavam dessa forma com extrema facilidade, e agora, pela porta ainda escancarada, Sebastian não conseguia enxergar nenhum cavalo coberto de suor ou mesmo com as rédeas amarradas de forma apressada.

Os seres das histórias eram raptos de bebês e bebedores de sangue que se alimentavam de pessoas como se elas fossem gado. Pior: transformavam seres humanos em gente da sua espécie.

Foi nesse instante que Sebastian entendeu que seus irmãos haviam se transformado nesses tais demônios amaldiçoados – e receou que pudessem condenar toda a família.

– *Não façam uma coisa dessas* – sussurrou Sebastian.

Nikolai conseguiu ouvi-lo, mesmo estando do outro lado da sala, e veio até ele. Ajoelhando-se ao seu lado, perguntou:

– Você já sabe o que somos agora?

Sebastian assentiu levemente com a cabeça, olhando para as íris completamente negras de Nikolai, sem conseguir acreditar no que via. Com a respiração entrecortada, afirmou:

– Acho que... sei... o que vocês pretendem fazer.

– Vamos transformar você e toda a nossa família, do mesmo jeito que fomos transformados.

– Eu não concordarei com uma coisa dessas! – protestou Sebastian. – Não quero isso.

– Você terá de aceitar, meu irmão – murmurou Nikolai. Seus olhos assustadores pareciam relampejar. – Senão, morrerá ainda esta noite.

– Ótimo – murmurou Sebastian, com a voz rouca. – Nossa vida já está cansativa demais. E agora, com as meninas morrendo...

– Vamos tentar transformá-las também.

– Não se atrevam a fazer isso! – rugiu Sebastian.

Murdoch olhou de lado para Nikolai, que balançou a cabeça para os lados.

– Erga-o! – ordenou, fazendo a voz parecer dura como aço, com o mesmo tom que usava quando era general do exército. – Ele *vai* beber.

Embora Sebastian lutasse e esperneasse, praguejando sem parar, Murdoch sentou-o. Muito sangue escorreu do ferimento aberto de Sebastian. Nikolai hesitou ao ver aquilo, e mordeu o próprio pulso.

– Respeite a minha vontade, Nikolai – pediu Sebastian, desesperado. Usou suas últimas reservas de força para apertar o braço do irmão e manter seu pulso longe do próprio rosto. – Não nos force a nos tornarmos isso. *Viver não é tudo.*

Muitas vezes, eles haviam discutido a esse respeito. Nikolai sempre considerara a sobrevivência algo sagrado; Sebastian acreditava que a morte era melhor do que uma vida em desonra.

Nikolai ficou calado, os olhos percorrendo cada centímetro do rosto do irmão, enquanto refletia sobre o pedido. Finalmente, respondeu:

– Não posso. *Não vou* assistir à sua morte. – Seu tom de voz era baixo, gutural, e ele mal conseguia controlar as emoções.

– Você está fazendo isso por você mesmo – disse Sebastian, a voz enfraquecida. – Não por nós. Você nos amaldiçoará para salvar a própria consciência. – Ele não podia permitir que o sangue de Nikolai escorresse para dentro dos seus lábios. – Não! Maldito seja! *Não faça isso!*

Mas os irmãos o obrigaram a manter a boca aberta, para que o sangue pingasse na sua garganta, e o forçaram a manter a boca fechada até ele engolir todo o líquido.

Ainda o seguravam com força quando Sebastian deu o último suspiro e o mundo escureceu.

*E mais ninguém ouvirá o carteiro bater à porta
Sem sentir o coração acelerar.
Pois quem pode aguentar a sensação de ser esquecido?*

W. H. AUDEN

Castelo Gornyi, Rússia – Época atual

Pela segunda vez na vida, Kaderin Coração Gelado hesita em matar um vampiro.

No último segundo antes do mortífero golpe final, a espada para a poucos centímetros do pescoço do inimigo porque ele está segurando, com firmeza, a própria cabeça.

Repara que o corpo forte dele ficou tenso. Sendo um vampiro, poderia facilmente se *teletransportar* dali e desaparecer. Em vez disso, ele ergue o rosto na direção dela e a encara fixamente com seus olhos cinza-escuros, da cor de uma tempestade prestes a desabar. A maior surpresa é que eles não têm a cor vermelha que marca o típico desejo de sangue dos vampiros; isso mostra que ele nunca bebeu o sangue da vítima até matá-la. Pelo menos, até o momento.

Ele lança uma súplica silenciosa com seus olhos marcantes, e ela percebe que o vampiro torce pelo próprio fim. *Anseia* pelo golpe mortal que a fez ir até aquele castelo decrépito somente para desferir.

Ela o espreitara silenciosamente, pronta para enfrentar uma batalha contra um predador cruel. Kaderin estava na Escócia, na companhia das outras Valquírias, quando elas receberam um chamado para exterminar o “vampiro que assombrava um castelo e aterrorizava um vilarejo na Rússia”. Ela se oferecera alegremente como voluntária para destruir a maldita sanguessuga. Kaderin era a assassina mais prolífica de seu coven; tinha dedicado toda a vida a livrar o planeta de vampiros.

Na Escócia, antes de atender àquele chamado da Rússia, eliminara três deles.

Mas por que agora hesitava? Por que afastava lentamente a espada? Aquele ali seria meramente mais um entre os milhares de vampiros que ela já matara, para depois guardar suas presas num longo colar, junto com as dos outros eliminados.

A última vez que poupara uma vítima, resultara numa tragédia tão grande que seu coração se despedaçara para sempre.

Numa voz grave e profunda, o vampiro perguntou:

– Por que você está hesitando? – Ele mesmo parecia atônito com as palavras que pronunciava.

Não sei por quê. Um vendaval de sensações físicas pouco familiares a assaltaram. Seu estômago deu um nó. Embora uma faixa preta lhe apertasse o peito com força, protegendo-o, seus pulmões pareciam desesperados em busca de ar. *Não consigo compreender o motivo dessa hesitação.*

O vento soprou do lado de fora, deslizando sobre a montanha e fazendo com que a sala superior do escuro covil de vampiros rugisse sem parar. Fendas invisíveis nas paredes deixavam entrar a brisa gelada da manhã. Quando ele se levantou e permaneceu de pé, altivo como uma torre, a lâmina da espada de Kaderin captou a luz bruxuleante das velas de um candelabro, que se refletiram nele.

Seu rosto sério era comprido, com traços rudes que outras mulheres considerariam bonitos. A camisa preta estava surrada e desabotoada, exibindo boa parte do peito musculoso, belamente esculpido. Seu jeans igualmente surrado, com cós bem baixo, descia a partir da cintura estreita. O vento fazia drapejar as pontas soltas da sua camisa e emaranhava seu cabelo volumoso e preto.

Muito bonito. Mas os vampiros que eu mato geralmente são muito bonitos.

O olhar dele se fixou na ponta da espada. Em seguida, como se a ameaça representada pela arma tivesse sido esquecida, ele analisou o rosto dela e deixou que seus olhos percorressem lentamente cada traço da Valquíria. Sua admiração desavergonhada perturbou-a ligeiramente, e ela apertou com mais força ainda o punho da espada, algo que nunca fizera.

A lâmina daquela espada era afiada com um diamante, e sempre com muita maestria; cortava ossos e músculos com um mínimo de esforço. Encaixava-se de forma perfeita no seu punho e respondia com leveza aos movimentos da mão, como se fosse uma extensão do seu braço. Kaderin nunca precisara apertá-la com tanta força.

Arranque fora a cabeça dele. Será um vampiro a menos. A espécie é desprezível.

– Como se chama? – A voz dele era pausada como a de um aristocrata, mas o sotaque lhe pareceu familiar. Estoniano. Embora a Estônia fizesse fronteira com a Rússia a oeste e seus habitantes fossem considerados uma variação nórdica dos russos, Kaderin sabia reconhecer a diferença e se perguntou o que ele estaria fazendo ali, tão longe do seu país.

Ela virou a cabeça meio de lado e quis saber:

– Por que pergunta?

– Gostaria de saber o nome da mulher que vai me libertar disso tudo.

Ele queria morrer. Depois de tudo o que sofrera nas mãos de gente como ele, a última coisa que Kaderin desejava era agradar o vampiro.

– Você está achando que eu vou lhe aplicar o último golpe?

– E não vai? – Seus lábios se curvaram nos cantos, mas o sorriso que exibiram era triste.

Ela apertou o punho da espada mais uma vez. Faria exatamente isso. É claro que sim. Matar era o seu único propósito na vida. Não se importava com o fato de os olhos dele não serem vermelhos. No fim, ele beberia sangue, mataria alguém, e seus olhos se transformariam.

Era sempre assim.

Ele tropeçou numa pilha de livros finalmente encadernados – alguns entre as centenas espalhados pela sala, com títulos impressos em russo e, é claro, estoniano. Encostou o corpo musculoso contra a parede que se desmanchava. Ficou claro que não pretendia erguer a mão para se defender.

– Antes de me eliminar, fale mais uma vez. Sua voz é linda. Tão linda quanto seu rosto estonteantemente belo.

Ela engoliu em seco e sentiu o calor das bochechas.

– De quem você é aliado? – quis saber ela, mas não hesitou em completar a frase ao ver que ele fechou os olhos, como se ouvi-la fosse algo maravilhoso. – Dos Abstêmios?

Isso o fez abrir os olhos e, de repente, ele mostrou raiva.

– Não sou aliado de ninguém. Muito menos deles.

– Mas você já foi humano, não foi?

Os Abstêmios eram um verdadeiro exército, uma ordem de humanos transformados em vampiros. Eles se recusavam a beber o sangue diretamente de um ser vivo porque acreditavam que esse ato provocaria sede de matança. A abstinência

evitaria que eles se tornassem uma horda de vampiros enlouquecidos. Pelo menos, era isso o que esperavam. As Valquírias se mantinham pessimistas a respeito das chances de isso acontecer.

– Sim, já fui humano, mas não tenho interesse nessa ordem. E quanto a você? Creio que também não é humana, certo?

Ela ignorou a pergunta.

– Por que você mora aqui neste castelo? – quis saber Kaderin. – Os aldeões vivem aterrorizados por sua causa.

– Conquistei esta propriedade no campo de batalha, e ela me pertence por direito. Foi por isso que fiquei. Nunca feri nenhum deles. – Virou o rosto e murmurou: – Bem que eu gostaria de nunca tê-los apavorado.

Kaderin precisava matá-lo para acabar logo com aquilo. Dali a três dias, ela iria competir na Corrida do Talismã, que era basicamente uma versão mais radical da famosa *The Amazing Race*, só que realizada para competidores imortais. Além de caçar vampiros, a Corrida do Talismã era a única coisa na vida que despertava interesse em Kaderin, e ela ainda precisava confirmar todos os acertos relacionados com o transporte e os suprimentos de segurança. Mesmo assim, ela se viu dizendo:

– Eles me contaram que você mora sozinho aqui.

Olhando-a fixamente, o vampiro assentiu com firmeza. Kaderin percebeu que ele ficou sem graça, como se lamentasse não ter família ali.

– Há quanto tempo?

Ele encolheu os ombros largos, fingindo não se importar.

– Alguns séculos.

Ele tinha vivido solitário ali ao longo de todo esse tempo?

– As pessoas do vale me convocaram para vir até aqui – disse ela, como se sentisse necessidade de se explicar.

Os habitantes daquela aldeia remota pertenciam ao Lore, uma população de imortais e criaturas míticas, cuja existência era mantida em segredo para os humanos. Muitos deles ainda adoravam as Valquírias e lhes pagavam tributos, mas não fora esse o motivo de Kaderin ter viajado até aquele lugar tão isolado.

A chance de matar, nem que fosse um único vampiro, fora o que a convencer a ir até lá.

– Eles me pediram para destruir você.

– Estou pronto, quando você quiser.
– Por que não se mata, se é o que quer?
– Isso é... complicado. Mas você me poupou dessa decisão. Sei que é uma guerreira experiente e...

– Como você sabe o que eu sou?

Ele apontou com a cabeça para a espada dela.

– Eu também era um guerreiro, e sua fabulosa arma diz tudo.

Aquela era a única coisa no mundo que proporcionava a Kaderin um orgulho infinito. A única coisa que lhe restara na vida, e que ela não aguentaria perder. E ele notara a excelência da sua arma.

Aproximando-se dela, disse, em voz baixa:

– Aplique logo o golpe fatal, criatura desconhecida. Saiba que nada de mau poderá lhe acontecer por eliminar alguém como eu. Não há razão para alongar meu...

Como se aquilo fosse uma questão de consciência! Não era. Não poderia ser. Ela não tinha consciência. Nem sentimentos verdadeiros, nem emoções à flor da pele. Tinha um coração gelado. Depois da tragédia que sofrera, Kaderin rezara para tudo cair no esquecimento. Pedira que a dor e a culpa que sentia ficassem entorpecidas.

Alguma entidade misteriosa atendera às suas preces e transformara em cinzas o seu coração. Kaderin já não sofria pesares, não sentia desejo, nem raiva, nem alegria. Nada se colocava em seu caminho de matanças.

Era uma assassina perfeita, e isso já acontecia havia mais de mil anos, metade da sua vida interminável.

– ...Você ouviu esse barulho? – perguntou ele. Os olhos que suplicavam por um fim rápido se estreitaram. – Tem certeza de que veio desacompanhada?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não preciso da ajuda de ninguém. Muito menos para matar um vampiro que mora sozinho – acrescentou, e seu tom de voz exibiu indiferença. Estranhamente, sua atenção se voltou mais uma vez para o corpo dele. Seus olhos examinaram o tronco, seguiram pelo umbigo e pela trilha de pelos que desciam mais além. Imaginou-se arranhando as costas dele com uma de suas garras afiadas e percebendo que aquele corpo forte se retesava e estremecia.

Os pensamentos começavam a lhe causar desconforto; sentiu vontade de prender o cabelo num coque para o ar frio lhe esfriar a nuca e...

Ele pigarreou para limpar a garganta. Quando ela desviou os olhos e tornou a fixá-los no rosto dele, o vampiro ergueu as sobrancelhas.

Ela fora pega lançando olhares sensuais para a presa! Que indignidade!

O que está acontecendo comigo?

Kaderin não tinha desejo sexual, assim como o vampiro morto-vivo à sua frente. Balançou o corpo para se recompor, tentando se lembrar da última vez em que falhara.

Num campo de batalha, vários séculos antes, ela tivera misericórdia, poupara a vida e libertara outro homem da mesma laia daquele; um jovem soldado vampiro que implorara pela vida.

O condenado, no entanto, zombara da misericórdia dela. Sem demora, ele encontrara as duas irmãs de sangue de Kaderin, que lutavam nas planícies abaixo deles. Alertada pelo grito de pavor de uma outra Valquíria, Kaderin correrá a toda velocidade, tropeçando colina abaixo, o terreno coberto de cadáveres e moribundos. No instante exato em que as alcançara, ele eliminara suas duas irmãs.

A mais jovem, Rika, fora pega de guarda baixa porque se distraíra ao ver Kaderin aproximar-se, em pânico. O vampiro sorria ao vê-la ajoelhada.

Eliminara suas irmãs com uma eficiência brutal. E, desde esse dia, Kaderin passara a imitá-lo. Ela costumava dizer que a sua gana de matar começara com ele. Mesmo assim, ela ainda o mantivera vivo por algum tempo.

Portanto, por que repetiria agora o mesmo erro? Não faria isso. Não pretendia ignorar uma lição que pagara tão caro para aprender.

Quanto mais cedo eu acabar com isso, mais rápido vou poder começar a me preparar para a Corrida do Talismã.

Erguendo os ombros, ficou rija como aço. *O importante é seguir em frente.* Kaderin viu, mentalmente, o balançar da espada. Conhecia o ângulo exato para atingi-lo, de forma que sua cabeça permanecesse sobre o corpo até ele cair. Desse jeito, o trabalho ficaria mais limpo. E isso era importante.

Ela viajara com pouca bagagem.